

DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: QUESTÃO DE GÊNERO?

TEACHING IN CHILDREN EDUCATION: GENDER ISSUE?

GOMES, Sebastião Jacinto de Sousa

GONÇALVES, Lorena Miranda

RESUMO

Este estudo tem como proposta central investigar, por meio de narrativas, a baixa adesão de homens pela carreira do magistério na Educação Infantil e a conjuntura nacional que leva à presença de mulheres, como maioria na docência da Educação Infantil. A metodologia utilizada para elaboração deste estudo é de natureza qualitativa de caráter exploratório, realizada por meio de estudos bibliográficos e da narrativa de professores que atuam na Educação Infantil do município de Vitória(ES), denominados Professores de Educação Básica I – PEB I Educação Infantil. A pesquisa reflete acerca da questão da afetividade e do cuidado com as crianças, socialmente atribuída ao gênero feminino, como uma continuidade do papel maternal. As análises de autores como Cerisara e Carvalho são utilizadas no decorrer do trabalho como meio de fundamentar as reflexões propostas. São analisadas, a partir das narrativas, a escolha do magistério na Educação Infantil, a relação com as crianças, a relação com os adultos e a questão do gênero e da discriminação para com os docentes.

Palavras-chave: Educação Infantil, Gênero, Professor.

ABSTRACT

This study aims to investigate central, through narratives the low adhesion of men for the career of the teaching profession in Infant Education and the national context that leads the presence of women to be majority in the teaching of Early Childhood Education. The methodology used for the elaboration of this study is qualitative of an exploratory nature, carried out through bibliographical studies and the narrative of teachers who work in Early Childhood Education in the city of Vitória / ES, called the Basic Education Teacher I - PEB I Early Childhood Education. The research reflects on the issue of affection and caring for children, socially attributed to the female gender, as a continuity of the maternal role. The analyzes of authors such as Cerisara and Carvalho are used in the

course of the work as a means of substantiating the proposed reflections. Are analyzed,

from the narratives, the choice of teaching in Early Childhood Education, relationship with children, the relationship with adults and the issue of gender and discrimination towards teachers.

Keywords: *Child Education, Genre, Teacher.*

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil, predominantemente, marcada por mulheres e a presença de um número menor de homens, esse ambiente é o ponto inicial da nossa pesquisa. Assim, a pesquisa irá investigar a razão pela qual os homens, em sua maioria, não escolhem a Educação Infantil para atuar como professor regente. Observamos, por meio dos estágios curriculares, que o magistério se assemelha como uma extensão do trabalho da mulher no lar: como mãe, cuidadora e doadora de amor. Ela é vista como dotada dessa capacidade como se somente o sexo feminino fosse capaz de desenvolver esse trabalho com os pequenos. Seria pelo fato do preconceito e a desconfiança que o homem carrega e o afasta da docência? Quem é mais capaz, o homem ou a mulher?

Fazemos aqui neste projeto algumas reflexões sobre a mulher. A primeira delas é: a mulher é o sexo com a capacidade de exercer a docência junto às crianças? Outros questionamentos que abordaremos são: A relação entre homem e criança é vista como uma relação natural, assim como são com as mulheres? Um professor homem teria uma relação afetiva com as crianças que uma professora tem? A partir destas reflexões traremos percepções dos professores, quanto à sua presença na Educação Infantil.

O estudo aborda autores como: Cerisara (1999), Carvalho (1999) entre outros, que buscam destacar a questão de gênero no trabalho com a Educação Infantil.

Finalmente, cabe mencionar que temos como hipótese o percentual reduzido desses profissionais na Educação Infantil por não ser adequado a eles um trabalho que envolve cuidados corporais e uma proximidade afetiva. Assim investigaremos o impacto dessa presença masculina, numa tentativa de continuar desenrolando esse novelo que a história das relações humanas nos conta sobre a difícil arte de lidar com as diferenças, desde a origem da criação humana.

O número de homens atuantes como professores regentes na Educação Infantil é escasso, devido a esse número tão pequeno buscaremos compreender alguns motivos

para tal desigualdade. O que tornaria o sexo feminino como professor ideal para os pequenos? Talvez pelo fato de serem vistas como exemplo de cuidado, como mãe, diferente do olhar que se tem para o homem, muitas vezes visto como incapazes de cuidar de uma criança, o que nos remete a dúvida: Docência na Educação Infantil: questão de gênero? Um bom trabalho não depende de gênero, não temos que discriminar, temos que ter respeito e confiar que o trabalho será bem feito seja quem for o profissional, a luta contra uma longa história da docência feminizada, transformando o olhar acerca do homem será somente com tempo, trabalho e dedicação. Assim trataremos como problema inicial da pesquisa: **Por que a não motivação dos homens para atuar como professor regente na Educação Infantil?**

Objetivamos compreender o porquê do quantitativo de homens que atuam como professor regente na Educação Infantil, bem como entender o que leva o homem a escolher a Educação Infantil e como se percebem nesse espaço.

Desenvolvemos nosso estudo na Educação Infantil Pública do Município de Vitória (ES), que conta hoje com 1.170 (mil, cento e setenta) professoras/es regentes da Educação Infantil, dos quais somente dois são do gênero masculino.

1 HISTÓRIA DA DOCÊNCIA NO BRASIL

No momento de constituição do Estado-Nação capitalista em meados do XIX, tem seu significado e função social modificado à medida que grandes transformações vão caracterizando o desenvolvimento da sociedade, o corpo docente em sua grande maioria, era formado por professores homens, pois acreditava-se que as mulheres não eram capazes de desenvolver esse trabalho. Ao longo da segunda metade deste século, houve uma crescente saída dos homens do ofício de professor devido à ampliação das oportunidades de formação e de trabalho nas indústrias e o advento da expansão do capitalismo. Então, o magistério passou por uma nova fase: a feminização, com a entrada de muitas mulheres no ensino primário a partir do ano 1940, correndo uma divisão das funções entre homens e mulheres ao atuarem na docência, as mulheres ensinavam às meninas como ser uma boa esposa e cuidar do lar e voltada somente para o lar e os homens cuidava dos meninos um ensino mais técnico voltado ao trabalho. Isso oportunizou o crescimento das taxas de alfabetização feminina nos grandes centros, reconhecendo a necessidade de um investimento na educação feminina na época. O ensino normal passou, então, a entrar em decadência e desprestígio, e foi a sua reformulação que resultou no surgimento do curso de Habilitação Específica para o Magistério, porém, esse curso não foi capaz de acabar com o desprestígio dos cursos de formação de professores. Além disso, constituiu-se como um avanço qualitativo, pois além da entrada da mulher no magistério primário, houve também a ocorrência da escolarização e da profissionalização.

1.1 O que se estuda sobre o tema

O aprofundamento da temática em tela oportunizou conhecer os estudos realizados na atualidade, como o de Peeters (2012), que afirma “os pais consideram normal e até carinhoso que as profissionais do sexo feminino fizessem festas ou abraçassem as crianças, mas o mesmo comportamento em profissionais do sexo masculino provoca suspeitas”.

Ainda segundo o autor, as relações entre os professores e as crianças pequenas nos espaços da Educação Infantil vai além do suporte pedagógico, pois é de extrema importância que o professor faça parte das atividades, assim aproximando-se dos alunos e estreitando o relacionamento, de carinho e confiança, estimula o processo de inclusão, possibilitando a interação entre as crianças, o acolhimento e estimula o convívio com as diferenças, tornando as relações mais afetivas e amigáveis.

Devido a imagem feminina trazer uma natureza mais amável, cuidadosa e carinhosa, os pais se sentem mais seguros e confiantes em deixar aos seus cuidados seus filhos, diferente da visão que traz o professor do sexo masculino, que visto como um ser frio que não demonstra suas emoções qualquer gesto de carinho ou afetividade já criam um olhar suspeito e crítico, visto como uma pessoa grossa e sem paciência para lidar com os pequenos. Por preconceito muitos não são capazes de acreditar que esse profissional está preparado para fazer um bom trabalho, possivelmente é um dos motivos de haver tão poucos homens atuando nesta área.

Neste tópico trazemos três estudos em nível de pós-graduação, relacionados com o homem na Educação Infantil, tema de nosso interesse, que evidenciam a produção teórica nesse campo de estudos.

O estudo desenvolvido por Silva (2014), objetiva identificar como ocorrem as relações de gênero e poder nos espaços e tempos das pré-escolas públicas, quando há homens na docência.

O autor indica que as diferenças entre professor e professora reforçam o binarismo homem e mulher, que ainda é pautado em uma visão biológica em que as desigualdades de gênero estão presentes. Possibilitou ainda, observar que a docência na Educação Infantil vem passando por transformações, sendo reeditada,

reinventada; o desafio encontra-se na construção de uma pedagogia da Educação Infantil não sexista, emancipatória, inventiva e das produções das culturas infantis.

Corroborando com a temática Gomides (2014), que investigou a crise entre os processos de subjetivação hegemônicos, que definem a Educação Infantil como um território predominantemente feminino.

Aparenta que a concepção criada pela sociedade para a docência da Educação Infantil, a qual coloca a mulher como a mais apta para exercer essa função, perpassa campos além do educacional, além do homem incorporar os modos hegemônicos de masculinidade socialmente construídos, não se sentindo pertencente a esse ambiente. Sendo assim, ele tenta não se submeter às mudanças de atitudes, buscando se proteger em cargos mais administrativos da escola, evitando o encontro – a que se mesclam cuidado e afeto – com crianças em uma sala de aula de Educação Infantil. Diante disso esses desafios se encontram localizados na dificuldade da escola problematizar a naturalização da mulher como personagem social destinado ao trato com crianças, localizam-se também na própria dificuldade do homem de se permeabilizar as intensidades qualificadas como femininas.

Moreno (2017), apresenta como as trajetórias de vida fizeram com que os homens escolhessem o ofício da docência relacionada à Educação Infantil, além de analisar o processo de inserção e permanência no cotidiano com as crianças e perceber como a memória e as experiências contribuíram para o desenvolvimento da identidade profissional desses docentes.

Segundo o autor, o gênero e a masculinidade são aspectos permanentes na vida desses sujeitos e como eles rompem e atravessam por adjetivações e simbologias tão enraizadas em nossa sociedade. Esses homens transgridem essa tradição e mostram que educar e cuidar são próprios do ser humano e não de um gênero e/ou sexo específico. Ainda destaca que existe uma inexpressividade da presença desses educadores do sexo masculino, e o espaço que eles ocupam é um local de muitas lutas e afirmação do seu lugar e propósito como docente, sendo a docência para os educadores uma ruptura de estigmas ligados a “dom”, “missão” e “sacerdócio”, próprio das mulheres. Por fim destaca, que esses sujeitos não são professores “prontos”, “finalizados”, mas que estão em processo de reconhecimento no/do campo, com suas práticas e o seu “eu” professor.

O resultado das pesquisas realizadas na área demonstram que a docência feminina ainda é dominante na Educação Infantil e a sociedade já atribuiu às mulheres esse papel de cuidadora, porém, essa “cultura ou tradição” que está ligada à mulher vem sendo rompida gradativamente pelos homens que estão se inserindo nesse contexto, saindo de cargos administrativos e se submetendo a mudanças de atitudes, assumindo a sala de aula, mostrando que educar e cuidar é do ser humano e não somente de um gênero ou sexo específico. Destacando ainda que o local que eles ocupam é de muita dificuldade, luta e afirmação.

2 RELATOS HISTÓRICOS: A FEMINIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao desenvolver um estudo sobre a perspectiva da abordagem de gênero para o trabalho docente, principalmente na Educação Infantil, é fato entender que a entrada de profissionais do sexo feminino é sobremaneira acentuada em relação à masculina. Nos relatos históricos, segundo os estudos de Yannoulas (1994) a chegada maciça de mulheres para o magistério aconteceu no final do século XIX, com escolas improvisadas, de responsabilidade do Estado, associado ao desenvolvimento do capitalismo e só mais tarde em meados do século XX intensificou-se pela chegada das escolas seriadas, com a ampliação das escolas públicas.

O cenário anterior era de mulheres apenas em casa, dedicadas em atender as necessidades domésticas, costurar, cuidar dos filhos e aguardar a chegada do marido com todas as obrigações cumpridas. As escolas, poucas existentes, eram destinadas somente aos homens, com professores também do sexo masculino, servindo como um preparatório apenas para as classes mais favorecidas e para o mercado de trabalho.

Em suas análises Carvalho (1999) enfatiza que esse feminismo da profissão está diretamente ligado à condição de cuidados, própria do sexo feminino. As questões relativas ao gênero tomaram rumos políticos, descritos pela condição de cuidados com a família, responsabilidades domésticas, características da sexualidade e de forma acentuada sobre a característica materna, que está ligado ao cuidado e à afetividade com as crianças.

O movimento feminista começou a ser notado a partir da contestação dos direitos da mulher, desde o tempo da Revolução Industrial, onde as mulheres deixaram de ser apenas mães e começaram a participar do mercado de trabalho tendo um lugar de notoriedade social. Dá-se início de maneira ampla aos conceitos relacionados ao gênero.

Carvalho (1999) enfatiza que “a partir dos anos 1960, reside uma tensão contínua entre a necessidade de construir a identidade da mulher e dar-lhe um significado político e sólido e a necessidade de destruir as próprias categorias mulher e homem, negando a legitimidade da diferença sexual como explicação e causa da desigualdade”.

Nota-se que o conceito de gênero é relativo não somente ao trabalho doméstico, mas também nas vertentes políticas, econômicas e que de alguma forma representa poderio social. Essa inserção feminina à docência refere-se principalmente ao dinamismo existente no mercado de trabalho, podendo ser percebido como uma referência que divide os setores, estabelecendo o magistério como uma profissão feminina.

Neste mesmo contexto, Cerisara (1999) pontua que a feminização do trabalho docente, principalmente na Educação Infantil, está ligada ao instinto de cuidados, afetividade e carisma, características que podem ser reconhecidas como maternas. Nesse sentido, o relacionamento e o desenvolvimento de atividades direcionadas à essa fase infantil são desenvolvidas de maneira mais espontânea, sendo uma continuação do cuidado maternal.

A valorização da infância, da Educação Infantil, nem sempre esteve presente na sociedade como atualmente. Muitos fatores ligados à economia e política foram ao longo da história sendo construídos e modificados para que pudessem estar incluídos nos movimentos sociais de forma a sustentar a ideia de promover a educação escolar desde os primeiros anos da infância.

Segundo relata Fausto (1970), a Revolução de 1930 marca historicamente o início da luta pelos direitos e condição de cuidados infantis em creches ou locais especializados, para que com isso as mães pudessem sair para trabalhar e ajudar no sustento familiar.

O assistencialismo era o modelo de cuidado com as crianças na época, e muitas foram as discordâncias sobre as mães deixarem seus filhos e irem em busca de um trabalho fora de casa, sendo visto como um meio de fugir de suas obrigações maternas e de dona de casa.

De acordo com Mello (1982) já no final da década de 1960, com o início do movimento feminista, o assistencialismo é colocado em questão e começam a surgir os primeiros centros de Educação Infantil, a priori, de forma privada. As condições políticas e os movimentos constantes em busca de mudanças nesse setor, trouxeram, no final dos anos de 1980, a aprovação de leis que deram notoriedade e maior importância à Educação Infantil, como é o exemplo da Constituição Federal de 1988.

E depois disso, outras leis foram criadas buscando garantir o direito à educação desde a infância, como é o caso do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990, as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/96, de 1996.

Voltando a destacar a classe feminina como maioria atuante na docência em Educação Infantil, Almeida (1989) relata que o magistério tem especificações que o diferencia das demais profissões, e que pode, sim, ser percebido como uma profissão de maioria feminina, tendo em vista não somente os paradigmas clássicos mas sobretudo as condições estruturais e subjetivas relacionadas à essa profissão.

De certa forma, até mesmo os costumes sociais dividem os olhares e existe uma grande resistência quanto à presença do professor em salas de Educação Infantil, ou mesmo nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Faz, porém, uma ressalva, que alguns autores deixam claro o posicionamento social em relação à participação feminina praticamente total na Educação Infantil, relacionando esse aspecto aos elementos da ideologia que reporta à mulher a submissão e às limitações das tarefas domésticas, conforme apontam Bruschini e Amado (1988).

As questões sociais são ainda mais presentes, quando a questão de gênero é colocada como alvo principal. Muito se fala atualmente sobre a valorização do profissional, independente do sexo, no entanto, a classe masculina ainda tem seus receios e temores, tendo em vista as condições de trabalho e financeira, conforme destaca Saporoli (1996):

A presença masculina na docência da Educação Infantil tem se mostrado pouco representativa para que sejam possíveis mudanças nesse sentido e, as razões que mantêm o homem afastado dessa profissão ainda têm mitos e idéias arraigados sobre masculinidade, espaço profissional ocupado preferencialmente por mulheres, além dos baixos salários, condições inadequadas de emprego e baixo status da profissão.” (SAPAROLLI, 1996, p.39).

De outro ponto de vista, o processo de feminização docente precisa ser entendido como um aspecto relativo ao modo de ser e de estar dentro da sociedade, que diferencia os perfis masculinos e femininos. Dentro da normalidade da profissão, ainda é pouco notada a presença de profissionais masculinos regentes na Educação Infantil.

Nesse sentido, Carvalho (1999) enfatiza que o trabalho masculino direcionado ao público infantil é um tanto quanto distante da realidade social:

Trata-se de pessoas do sexo masculino, lidando quotidianamente com expectativas, conceitos e tarefas culturalmente associados à feminilidade e que, uma vez que a estreita correlação entre feminilidade e mulheres, masculinidade e homens também é um pressuposto estabelecido, são igualmente expectativas, conceitos e tarefas estreitamente associadas às mulheres.(CARVALHO, 1999, p.88)

No entanto, a participação feminina no magistério pode ser entendida pelos inúmeros registros históricos que configura a feminização dessa profissão, além de ser um modelo que implica na composição de gênero, estando, muitas vezes, relacionada à questão da remuneração.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada na Rede Municipal de Ensino de Vitória (ES).

Hoje, o município possui 49 (quarenta e nove) Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) que atendem aproximadamente 20 (vinte) mil crianças. Nesse universo existem profissionais regentes de turmas, PEB I – Professor de Educação Básica I, Professores Dinamizadores de Arte e de Educação Física, Assistentes de

Educação Infantil, Pedagogos e os demais profissionais da educação que completam o quadro destes espaços educativos.

Nossos sujeitos de pesquisa são os professores que atuam na função de PEB I - Professor de Educação Básica I. O universo de profissionais nesse cargo, de acordo com a Gerência de Recursos Humanos, da Secretaria Municipal de Educação, totaliza 1.170 (mil, cento e setenta) professores, dos quais, apenas dois são do sexo masculino.

Realizamos entrevista com esses dois profissionais para coletar os dados. Ambos estavam afastados da regência de classe no momento da pesquisa, entretanto entendemos que o relato dos profissionais é fundamental para as reflexões que este estudo propõe.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O levantamento dos dados foi realizado a partir da narrativa de dois Professores da Educação Básica I - Educação Infantil. Atualmente, o Professor 1 está trabalhando como Técnico na Secretaria Municipal de Educação e o Professor 2 encontra-se em licença médica.

A partir da escuta dos professores foi possível organizar, para fins deste estudo, quatro categorias de análise:

- Da escolha do magistério na Educação Infantil;
- Da relação com as crianças;
- Da relação com os adultos;
- Do gênero e da discriminação.

Assim, segue a análise de cada categoria.

4.1 Da escolha do magistério na Educação Infantil

A partir das narrativas dos entrevistados, um dos principais pontos para a análise, entendemos, é a motivação para a carreira do magistério, com atuação na Educação Infantil.

Conversando com o Professor 2 sobre como se deu a escolha por atuar na Educação Infantil, ele fez o seguinte relato: “Devido à experiência no ensino fundamental e depois de fazer um trabalho voluntário na Educação Infantil, gostei de trabalhar na Educação Infantil pois a evolução que as crianças tinham era notória e acabei por me apaixonar pelas crianças.”

O Professor 1 nos fez a seguinte pontuação: “A Prefeitura de Vitória lançou um concurso público para vários cargos e eu passei para professor da Educação Infantil. Então, dessa forma, comecei a atuar com as crianças e dei continuidade”.

Os estudos de Campos (1991, p. 55) e colaboradoras, já alertavam para os desdobramentos que a ausência masculina representava no trabalho em creches e afirmavam “sem dúvida, este afastamento do homem de profissões ligadas à educação da infância pode ser compreendido, tanto pelo atributo de trabalho ‘sujo’, como pelos menores salários oferecidos por este trabalho.”

Na Rede Municipal de Ensino de Vitória (ES), os profissionais do magistério possuem um Plano de Cargos, Salários e Vencimentos próprio, atualizado por meio da Lei 6.754/2006, que ratifica o vencimento dos professores tendo como referência o nível de escolaridade e não o seu nível de atuação. Dessa forma, independe se o professor atua na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental, seus vencimentos dependem de sua maior escolarização, diferentemente da rede de ensino privada, em que a hora aula do professor da Educação Infantil corresponde a um quarto do valor da hora aula do professor dos dois primeiros anos do Ensino Médio, por exemplo.

Podemos observar que, com a oportunidade de atuar na Educação Infantil, tanto como um trabalho voluntário, ou a partir do concurso público, ambos terminaram por se interessar pela docência na Educação Infantil, e por verem que havia a necessidade de um trabalho diferenciado para explorar as potencialidades das crianças e deram continuidade a esse trabalho.

4.2 Da relação com as crianças

No que se refere ao relacionamento e comportamento do professor com a criança ou da criança com professor, o Professor 2 nos informou que:

Uma relação boa. As crianças se identificam como figura de pai, e que as crianças são bem carinhosas e assim, as crianças ficam mais abertas ao diálogo. Mas, claro que nas primeiras semanas as crianças ficam assustadas por ser um homem na sala de aula, mas logo passa esse medo.

O Professor 1 narra sua experiência da seguinte forma:

Quando estou atuando como professor, é muito interessante a relação com as crianças, pois geralmente só tenho eu de homem na escola como professor e para elas sou um diferencial. Tenho que cuidar do volume de minha voz para não as assustar, também me posicionar de forma que não fique muito alto. Sendo um homem, por si só já as assusta no começo.

É notório que as crianças, no primeiro contato com o professor do gênero masculino, ficam temerosas, já que deixa seu núcleo familiar em que estava acostumada a ficar para ficar com um homem, mas com o tempo todo esse medo tende a se transformar em cuidado, fazendo com que se assemelhe como uma relação que representa uma figura masculina. É por meio dessa relação afetiva e acolhedora que o trabalho tende a se desenvolver profissionalmente.

4.3 Da relação com os adultos

Considerando o contexto histórico identificado ao longo da pesquisa em que a Educação Infantil é um espaço permeado em sua maioria absoluta por professoras, a categoria relação com os adultos, necessariamente precisa compor parte em destaque deste estudo.

Os desafios sempre me moveram e o diálogo e o convencimento por minhas ações profissionais me estabeleceram e o fato de ser homem não trouxe maiores problemas para mim. Sempre contornei cada situação discriminatória que surgiu. Mas, me polio o tempo inteiro para que minhas ações não gerem qualquer desconforto ou dúvida à minha carreira profissional. (Professor 1).

A fala do Professor 1 nos dá pistas de que existem, sim, situações discriminatórias, apesar de não ter aprofundado na questão durante a narrativa. E que esta sempre foi uma questão a qual ficou atento, para que não houvesse qualquer mal-entendido.

Pessanha (1994, p.28) colabora com as reflexões necessárias em virtude à preocupação indicada pelo Professor 1, quando trata em sua pesquisa da temática:

No caso da educação das crianças pequenas na qual, sabidamente os salários são menores e estão associados a baixa valorização desta função, a presença masculina, quando existe, assim como já ressaltai, é motivo de indagações e questionamentos do tipo *“o que faz um homem aqui na creche?”*.

Já o Professor 2, afirma que não teve problemas de discriminação por parte dos adultos, porém retrata que deve sempre ter o zelo de filtrar suas falas e atitudes. Sempre comprometido, seu trabalho com as crianças trouxe benefícios.

“O professor ajuda na relação até mesmo no lar das crianças, com pai e filho, o filho cobra o pai por não dá atenção como o professor. Assim, acaba melhorando o vínculo entre pai e filho em casa, trazendo mais aproximação um com o outro.” (Professor 2)

4.4 Do gênero e da discriminação

Existe um sistema preconceituoso, chamado de machismo, que está inserido no nosso cotidiano, especialmente nos ambientes familiares onde são construídas as regras e normas da vida social. A pessoa é ocasionada a aprender uma cultura com um certo padrão de vida pessoal masculina a ser seguida. “Algumas colegas perpetuam, infelizmente, essa sociedade machista e em suas ações e palavras deixam claro que eu não deveria atuar com crianças dessa idade.” (Professor 1)

O Professor 2 relata que houve um estranhamento por parte dos amigos de trabalho, pois estavam acostumados a receber mulheres como professora regente. Apesar do preconceito, a passagem deles pela Educação Infantil contribuiu bastante para a evolução das crianças criando vínculos, se identificando com a referência masculina, e até mesmo com a figura paterna. O professor também é motivo de orgulho das crianças, elas se sentem mais abertas à diálogos, e privilegiadas de serem as únicas a terem um professor lecionando.

O preconceito de modo algum abalou esses dois profissionais, pelo contrário, os fortaleceu, sempre movidos pelos desafios. O diálogo sempre foi a maneira mais agradável de resolver as situações.

Cerisara (1999, p. 18), em seus estudos acerca da Educação Infantil já tratava dessa questão:

A polêmica do trabalho docente masculino em creches se inscreve desta maneira porque historicamente, os cuidados, e eu incluo também a educação das crianças pequenas vem sendo, em grande parte das culturas, uma atribuição do universo feminino carregando assim, as marcas culturais da maternidade, ou seja, as marcas culturais do feminino.

Na Prefeitura de Vitória 1.170 (mil cento e setenta) professores que estão na regência da Educação Infantil. Esses dois profissionais, participantes do nosso estudo, representam, apenas 0,17%, desse número. Representando a quebra de paradigmas, mostrando que homens e mulheres podem e devem atuar com responsabilidade em qualquer área de trabalho como diz o Professor 1.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou discutir a presença masculina na docência da Educação Infantil e analisar, por meio de registros históricos, o gênero feminino ser maioria na docência da Educação Infantil.

Foi possível verificar que socialmente, essa escolha é comum, não sendo uma questão relacionada à sexualidade somente, mas entendida como uma condição de trabalho mais comum para a mulher, ligada principalmente ao instinto maternal que tem a afetividade, o zelo e o cuidado como comportamento natural do sexo feminino.

O percurso histórico, político e social brasileiro, indica que a presença predominantemente feminina na educação das crianças começou desde a construção das primeiras creches, quando o assistencialismo era a base, sem que fosse tão importante desenvolver as questões ligadas à aprendizagem escolar.

A escuta das narrativas dos professores da Educação Infantil indica a relação entre professor e aluno, a escolha do magistério como profissão, o relacionamento entre crianças e adultos e a condição de discriminação relacionada ao gênero.

Os professores relatam que, por vezes, existe a discriminação em relação à sua atuação com regente e sala de aula pelo fato de não ser tão comum, e mesmo por questões culturais e sociais, que estão acostumados com a figura da professora, remetendo à continuação dos cuidados que a criança recebe em casa pela mãe.

De forma geral, o compromisso em educar é profissional e independe do gênero. O profissional tem ciência de sua capacidade de transmitir conhecimentos e estimular de maneira adequada a criança para que a mesma se sinta atraída pelo conteúdo que lhe é apresentado. As condições de ensino, a aplicação de conteúdos e todo o desenvolvimento do trabalho do docente devem ser pensados como um meio de

garantir que o processo ensino-aprendizagem seja rico em oportunidades para o desenvolvimento e crescimento escolar do aluno.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José R. P. de. **História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)**. Brasília: INEP, 1989.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF, Senado Federal, 1990.

_____. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96. Brasília, DF, 20/12/ 1996.

BRUSCHINI, Cristina; AMADO, Tina. **Estudos sobre mulher e Educação**: algumas questões sobre o magistério. Cadernos de Pesquisa, nº 64, p. 4 -13, 1988.

CAMPOS, Maria; GROSBaum, Marta; PAHIM, Regina e ROSEMBERG, Fúlvia. **Profissionais de creche**. In Caderno CEDES, São Paulo: nº 9, 1991. p 39-66.

CARVALHO, Marília Pinto de. **No coração da sala de aula**: gênero e trabalho docente nas séries iniciais. São Paulo: Xamã, 1999.

CERISARA, Ana. **Educar e cuidar**: por onde anda a educação infantil?. In Revista Perspectiva . Florianópolis: NUP/CED/UFSC, nº especial, dez , 1999. p. 11-22.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**: história e historiografia. São Paulo: Brasiliense, 1970.

GOMIDES, Wagner Luiz Tavares. **Transitando na fronteira**: A inserção de homens na docência da educação infantil. 2014. 76-79 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Viçosa, MG, 2014.

MELLO, G. N. Magistério de 1º Grau. **Da competência técnica ao compromisso político**. São Paulo: Cortez, 1982.

MORENO, Rodrigo Ruan Merat. **Professores Homens na Educação Infantil do Município do Rio de Janeiro**: Vozes, Experiências, Memórias e Histórias. 2017. 154 f. Dissertação (Mestre em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2017.

PEETERS, Jan. **Os homens devem ser prudentes**. Infância na Europa, Lisboa: APEI, nº. 23, p. 19-20, 2012.

PESSANHA, Eurize. **Ascensão e queda do professor**. São Paulo: Cortez, 1994.

SAPAROLLI, Eliana Campos Leite. **A educação infantil e gênero**: a participação dos homens como educadores infantis. Psicologia da educação: Revista do Programa de estudos pós-graduados em Psicologia da educação. São Paulo: EDUC, n° 6, 1996.

SILVA, Peterson Rigato Da. **Não sou tio, nem pai, sou professor!**: A docência masculina na educação infantil. 2014. 222 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2014.

YANNOULAS, Silvia C. **Educar**: una profesión de mujeres?. Buenos Aires: Kapelusz, 1994.